



HAL
open science

Inocência, saber, experiência: as moças e seu corpo fim do século XVIII/começo do século XX

Gabrielle Houbre

► **To cite this version:**

Gabrielle Houbre. Inocência, saber, experiência: as moças e seu corpo fim do século XVIII/começo do século XX. Maria Izilda Santos de Matos, Rachel Soihet. O corpo feminino em debate, UNESP, pp.93-106, 2003, 978-8571394582. hal-01353865

HAL Id: hal-01353865

<https://hal.science/hal-01353865>

Submitted on 16 Aug 2016

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

O corpo feminino em debate

Maria Izilda S. de Matos
e Rachel Soihet (Org.)

Editora
UNESP



O corpo feminino em debate

Organizadores

Maria Izilda Santos de Matos

Rachel Soihet

Editora
UNESP

© 2003 Editora UNESP

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da UNESP (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900-São Paulo-SP

Tel.:(0xx11)3242-71 71

Fax: (0xx11)3242-71 72

Home page: www.editora.unesp.br

E-mail: feu@editora.unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O corpo feminino em debate / organizadores Maria Izilda Santos de Matos, Rachel Soihet. - São Paulo: Editora UNESP 2003.

Vários autores.

ISBN 85-7139-458-X

1. Corpo humano 2. Feminilidade 3. Feminismo 4. Mulheres
- História I. Matos, Maria Izilda Santos de. II. Soihet, Rachel.

03-1707

CDD-305.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Corpo feminino: Sociologia 305.4

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias



Sumário

Prefácio 7

Magali Engels

Apresentação 11

Rachel Soihet e Maria Izilda Santos de Matos

1 Os silêncios do corpo da mulher 13

Michelle Perrot

2 Concepções do corpo feminino no Renascimento:

a propósito de *De universa mulierum medicina*,
de Rodrigo de Castro (1603) 29

Lúgia Bellini

3 O direito do trabalho e o corpo da mulher

(França: séculos XIX e XX)

Proteção da produtora ou da reprodutora? 43

Régine Dhoquois

- 4 Leite envenenado, sangue perturbado
Saber médico e sabedoria popular sobre
os humores femininos (séculos XIX e XX) 57
Agnès Fine
- 5 Eugenia e universalismo imperial
(O controle dos casamentos e da natalidade
no pensamento político de Tommaso Campanella) 79
Jean-Louis Fournel
- 6 Inocência, saber, experiência: as moças e seu corpo
fim do século XVIII/começo do século XX 93
Gabrielle Houbre
- 7 Delineando corpos: as representações do feminino
e do masculino no discurso médico 107
Maria Izilda Santos de Matos
- 8 "A criação da mulher": um ardil para a história das
mulheres? 129
Pauline Schmitt-Pantel
- 9 As representações do corpo feminino nas práticas
contraceptivas, abortivas e no infanticídio - século XX 157
Joana Maria Pedro
- 10 A sensualidade em festa: representações do corpo
feminino nas festas populares no Rio de Janeiro
na virada do século XIX para o XX 177
Rachel Soihet
- 11 A política natalista da França no século XX:
uma coação física? 199
Françoise Thébaud

6

Inocência, saber, experiência: as moças e seu corpo fim do século XVIII/começo do século XX

Gabrielle Houbre

Numa carta de 22 de novembro de 1768 a Sophie Volland, Diderot (1930, p. 184-5) fala em sua filha Angélique, então com quinze anos: "Eu a achei tão adiantada [a palavra, aqui, deve ser entendida numa acepção sobretudo psicológica, Angélique chegou à puberdade] que, domingo passado, encarregado por sua mãe de levá-la a passear, aproveitei para lhe revelar tudo que se refere ao estado de mulher, a começar por esta pergunta: 'Sabes qual é a diferença entre os dois sexos?'" E, a partir dessa interrogação crucial, Diderot empreende uma audaciosa educação sexual: "Desde então, não perco ocasião de comentar com ela todos os galanteios endereçados às mulheres. Isso significa, digo a ela: 'Só para me comprazer, a senhorita teria a bondade de se desonrar, perder todo *status*, ser banida da sociedade, passar o resto da vida encerrada num convento e matar de dor seu

1 Historiadora, professora da Universidade Paris VII. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo.

pai e sua mãe?'. Ensinei-lhe o que dizer e o que calar, o que ouvir e o que não escutar ... qual é a verdadeira base da decência, a necessidade de velar as partes do corpo cuja visão pode convidar ao vício. Não omiti nada que se pudesse dizer com decência e, aliás, ela observou que, estando agora instruída, cometer uma falta a tornaria bem mais culpada, pois já não haverá a desculpa da ignorância nem a da curiosidade". Não satisfeito em desse modo prevenir os riscos da sedução aos quais se expõe uma virtude mal informada, Diderot dá prosseguimento à lição explicando certos fenômenos biológicos como a "a formação do leite nas mamas" e a "necessidade de empregá-lo na alimentação do filho ou de dele se desfazer por outro meio".

Os temas abordados na conversa com a filha (a sexualidade, a procriação, as mutações da puberdade) atestam que os enciclopedistas assimilaram as preocupações e as novas orientações dos médicos do Iluminismo. Livrando-se pouco a pouco da influência dos antigos e da Igreja, estes se propõem a elaborar uma ciência médica racional, fundada na observação da anatomia e da fisiologia que permitisse descobrir toda a verdade sobre a natureza humana (cf. Knibielher, 1983a; Fouquet, 1983). Os médicos se afastam do modelo unissex até então prevalente, que considerava o corpo feminino uma variante inferiorizada do masculino (cf. Laqueur, 1992), e aderem à diferença dos sexos. Com sua indagação preliminar ("Sabes qual é a diferença entre os dois sexos?"), mas também com a atenção que dá ao momento da puberdade - que, a partir da segunda metade do século XVIII, suscita muitas teses médicas tanto sobre os meninos quanto sobre as meninas - ou à evacuação da pletora láctea, Diderot reage como discípulo desses médicos, alguns dos quais colaboram com a Enciclopédia. Em contrapartida, ao transmitir tão diretamente esse saber à filha, tem perfeita consciência de estar transgredindo os costumes sociais. Aliás, che-

gou a pedir a opinião de algumas pessoas próximas.² De certo modo, Diderot usurpa o papel pedagógico normalmente atribuído às mães no domínio da educação das filhas, sobretudo naquilo que ele tem de mais sutil e perigoso. Contudo, a ciência fisiológica - ou sexual - assim adquirida por Angélique Diderot não faz dela uma jovem excepcional. Se se der crédito à tese pioneira de Luppé, dedicada em 1924 às jovens da aristocracia e da burguesia no fim do século XVIII, as meninas eram deliberadamente criadas sem "excessiva pudicícia", e, aparentemente, foram numerosas as que tiveram oportunidade de conhecer, pelo menos em parte, o mistério das "coisas da vida", conforme a expressão habitual na época (cf. Luppé, 1925, p. 124). Por exemplo, quando, em 29 de junho de 1762, Geneviève de Malboissière, de dezesseis anos, escreve a uma amiga íntima um ano mais nova uma carta na qual se diverte em enumerar as mulheres "grávidas" que conhece, parece estar usando o termo sem nenhuma ingenuidade (cf. Luppé, 1924, p.11). Do mesmo modo, a Srta. de Montcalm, interessando-se pelo casamento de uma amiga, a Srta. Cany, mostra-se bastante livre ao esboçar este picante retrato do futuro: "Feio, mas grande e bem-feito ... sem nunca ter tido o capricho de experimentar as moças, coisa preciosa para todo mundo, mas principalmente para a Srta. de Cany" (carta de 1767).³ Os conventos acolhem internas que, desde os dez ou onze anos de idade, sabem demais e buscam "ligações mais particulares" com as colegas ou as jovens religiosas, queixa-se *O guia das superiores* em 1786 (cf. Fleuret, 1786, p.382): circulam canções que evocam o amor e o casamento de modo nada etéreo (cf. Luppé, 1925, p.100).

2 "Eu consultei algumas pessoas sensatas sobre essa conversa; todas me disseram que eu tinha feito bem. Será que é porque já não vale a pena reprovar uma coisa que já não tem remédio?" (Diderot, 1930, p. 184-5).

3 Carta da Srta. de Montcalm à Sra. de Mazille, 12 de maio de 1767 (Luppé, 1925, p.224).

Assim, para conter o usufruto do corpo feminino infantil ou juvenil, para não entreter nenhuma escapatória que não a religiosa sobre a sua finalidade matrimonial e maternal, para confiná-lo no espaço conventual e submetê-lo a uma disciplina cronométrica que pontua, uma a uma, as posturas esperadas e convenientes, os usos da sociedade iluminista têm o cuidado de proporcionar interstícios de liberdade que permitem às jovens apropriarem-se parcialmente, se não do futuro de sua identidade corporal, pelo menos de certas variáveis que contribuirão para talhá-lo. Laclos, em seu ensaio sobre a educação das mulheres (1783), chega até mesmo - atitude deveras excepcional - a celebrar os desejos carnis das jovens púberes (cf. Laclos, 1991). Nesse aspecto, é admirável a ruptura pós-revolucionária. No início do século XIX, a reflexão pedagógica empreendida na época da filosofia das luzes não se desliga de modo algum de uma filiação explícita à Contra-Reforma e à Contra-Revolução. Horrorizada com a afirmação física e moral das mulheres durante a Revolução, contrária à permissividade do comportamento na virada do século, a burguesia se apressa a subtrair as filhas à influência perniciosa, entrincheirando-as atrás da dupla tutela da Igreja e da mãe. Acomodando-se à instrução rudimentar oferecida pelos conventos, pelos internatos ou pelo preceptor domiciliar, empenha-se, antes de mais nada, em desenvolver uma educação moral e inibidora para as meninas. A pedra angular dessa educação será a escrupulosa edificação da atitude e do sentimento de inocência - que se moldam a partir da "ignorância dos prazeres do amor".⁴ Com a inocência, a castidade, o pudor e a pureza, participa-se igualmente do ideal católico da virgindade. Com efeito, o fator religioso influi consideravelmente nas qualidades inerentes ao estado de "donzela", quase sempre percebido com uma aura espiritual: "Nada me

4 *Dictionnaire des sciences médicales*, t.46, verbetes "pudeur" e "pudicité". Sobre esse ponto, ver igualmente Knibiehler (1983b) e Constant (1987).

oferece tanto aos olhos a imagem da Divindade quanto essa pureza angelical, esse pudor celestial, essa cândida inocência, companheiros inseparáveis da jovem virtuosa e bem-educada", maravilha-se Henri Duval em seus *Conseils aux mères de famille [Conselhos às mães de família]* (1840). Confinadas num universo asséptico, longe de qualquer referência corporal ou carnal, as donzelas da época romântica perdem a faculdade de poder pensar, ainda que minimamente, a dimensão fisiológica de seu futuro matrimonial. Ao contrário do que ocorre com os rapazes, não se pode transigir com a "inocência" virginal de um sexo que se angeliza à vontade, nem maculá-lo com quaisquer revelações (cf. Chimkovitch, 1987). As proibições já editadas no século anterior tornam-se ainda mais coercitivas e se estendem a tudo quanto possa corromper a pureza das moças, excitando-lhes, pensava-se, a imaginação: a literatura, é claro, mas também a música, o teatro, as obras de arte etc. Assim, em 23 de dezembro de 1826, Stendhal observa numa carta a Proper Mérimée que muitas moças não "sabem precisamente em que consiste o matrimônio físico" (Stendhal, 1968, p.97), e Balzac (1980), em *A fisiologia do casamento* (publicado originalmente em 1829 como folhetim), evoca o "estupro legal" da mulher pelo marido: a noite de núpcias dá um fim brutal aos simulacros de uma educação incorpórea. "Muito ignorante dos deveres do matrimônio", recorda Clémence Badère, por exemplo, jovem burguesa que, no entanto, fez um casamento por amor durante a monarquia de julho, "no dia seguinte, eu desejei que fosse possível anular o meu. Em diversos pontos, via aquilo como uma coisa culpada e doentia, diante da qual se devia ruborizar" (1886-1887, p.4-5).

Na década de 1820, quando os ultramontanistas assumem o poder e abrem caminho, ostensivamente, a um moralismo católico repressivo, a condessa Claire de Rémusat publica um ensaio sobre a educação das mulheres (1824), no qual aponta os perigos de uma pedagogia "ilusionista". Filha do século XVIII

nisso, ela condena um recato que lhe parece excessivo, afirmando principalmente que "a ignorância total do mal" conduz a "uma espécie de inocência nociva que jamais se transformará em virtude" (p. 115-6). Essa obra é uma das primeiras a se sublevar contra uma educação que tende a fazer de uma donzela em sociedade um autômato de passo dirigido, de gesto medido e de olhar regulado (cf. Houbre, 1997, p.208ss.): "nossas moças são quase todas iguais. Criadas da mesma forma, [estão] condenadas à mesma nulidade", resume com insolência.

De fato, a literatura também parece fazer da jovem e de seu corpo uma figura de alto relevo no século XVIII e de baixo relevo no começo do XIX. Basta observar as heroínas do abade Prévost, de Marivaux, de Rousseau, de Sedaine e mesmo de Bernardin de Saint-Pierre⁵ para perceber que toda uma corrente do século XVIII preferiu valorizar as qualidades de sedução, de sensibilidade, de sensualidade e de espírito de decisão nas moças, que, ademais, são capazes de tomar iniciativas e, por vezes, de se mostrar atrevidas. Se a Manon do abade Prévost é admiravelmente desencarnada, a exposição à luz dos corpos juvenis, ao longo de todo o século, é acompanhada de sua exposição à emoção, até que a década de 1790 venha registrar, com as heroínas martirizadas de Sade, o seu brutal seqüestro iniciado pela cobiça masculina (cf. Richardot, 2001).

Mas estes são, sem dúvida alguma, romances libertinos de filosofia pornográfica, como *Teresa filósofa* de Boyer d'Argens (1748) e *Le rideau levé ou l'éducation de Laure [A cortina erguida ou a educação de Laure]* de Mirabeau (1786), que outorgam a parte mais bela às meninas, emprestando-lhes uma franca curiosidade carnal e a

5 Manon para o abade Prévost; Hortense em *Le petit maître corrigé* (1734), Angélique em *Mère confidente* (1735), Silvia em *Le jeu de l'amour et du hasard* (1730), Marianne em *La vie de Marianne* (1731-1741), de Marivaux; Julie em *La nouvelle Héloïse* (1761), de Rousseau; Victorine em *Le philosophe sans le savoir* (1765), de Sedaine; Virginie em *Paul et Virginie* (1787), de Bernardin de Saint-Pierre.

busca lúdica das temporalidades eróticas. Assim, aos sete anos (idade da razão, dizem), Teresa já conhece seu corpo o suficiente para saber que ele lhe pode proporcionar prazer e, aos dez, a anatomia de seus pequenos companheiros de brincadeiras, meninas e meninos, já não tem nenhum segredo para ela. Laure, por sua vez, descobre seu corpo nas cadeias do pai e no reflexo dos espelhos. O mais importante continua inalterável: estamos numa cultura falocêntrica, trata-se do encontro com o principal atributo do sexo masculino e da aprendizagem - nunca monótona nessas obras - do ato sexual. Escritos por homens e para o prazer principalmente dos homens, tais romances mostram-se bastante complacentes com as moças, dotadas de uma sexualidade que, embora muito instrumentalizada, não deixa de ser liberal, senão liberada. A masturbação só lhes é proibida até a puberdade. Se a mãe de Teresa se contenta inutilmente em lhe atar as mãos para fazer com que ela perca essa mania, o pai de Laure lhe impõe o uso do cinto de castidade, temível instrumento de controle sexual, para que a menina preserve a fruição dos primeiros gozos até os dezesseis anos. É verdade que, em 1771, quinze anos antes do romance de Mirabeau, foi publicada a obra do Dr. Bienville, *La nymphomanie ou traité de lafureur utérine [A ninfomania ou tratado sobre o furor uterino]*, que foi para as moças mais ou menos o que *l'onanisme ou dissertation physique sur les maladies produites par la masturbation [O onanismo ou dissertação física sobre as moléstias produzidas pela masturbação]* do Dr. Tissot seria para os rapazes a partir de 1758. A expressividade desses dois títulos mostra bem os inimigos a combater dali por diante: aliás, o século XIX há de empreender contra ele uma de suas cruzadas mais enfáticas. Por sua vez, a literatura erótica do século XVIII permite-se legitimar a masturbação feminina pós-pubertária desde que - e a precisão é importante - não passe de um paliativo temporário das práticas heterossexuais, aliás, tanto quanto a experiências do amor sáfico, outra liberdade concedida a Teresa e sobretudo a Laure, sem dúvida tentada por parceiras do seu próprio sexo.

Com exceção do notável *Gamini ou Deux nuits d'excès* [*Gamini ou Duas noites de excessos*] (atribuído a Alfred de Musset, 1833), nada há de tão explícito na literatura da primeira metade do século XIX, que, através de *La fille aux yeux d'or* [*A moça dos olhos de ouro*] (Balzac, 1834) ou *Mademoiselle de Maupin* [*Senhorita de Maupin*] (Gautier, 1835-1836), não aborda a homossexualidade feminina senão de modo alusivo. Balzac, porém, torna-se um pouco mais preciso quando, a exemplo do Diderot de *La religieuse* [*A religiosa*] (1796), renova a crítica tradicional dos universos unissexuados que são o convento ou o internato, considerados lugares de práticas lésbicas (*A fisiologia do casamento*, 1829). *Teresa filósofa* e *L'éducation de Laure* [*A educação de Laura*], além do relato cruamente explícito da iniciação sexual das duas heroínas, são também veículos de idéias subversivas para a sociedade do século XVIII, porém mais ainda para a do século seguinte. Primeiro, a questão da virgindade pré-nupcial, pois todas as jovens heroínas são defloradas sem que se pense nem longinquamente em casamento. A seguir, a instituição marital, rejeitada tanto por Boyer d'Argens quanto por Mirabeau. Depois, a finalidade marital, também rejeitada por ambos. Por fim, a finalidade reprodutora da sexualidade, desviada sem nenhuma vergonha nos dois romances, nos quais se trata acima de tudo de obter o máximo de prazer sem arriscar a chegada de um bebê inoportuno. Em *Teresa filósofa*, recorre-se ao coito interrompido, porém, mais radicalmente, também se aconselha evitar a penetração. Em *L'éducation de Laure*, o pai não vacila em explicar longamente à filha como evitar a gravidez utilizando meios contraceptivos, sobretudo as esponjas com espermicidas. Sexualidade pré-nupcial, celibato ou concubinato, concepção epicurista da sexualidade que marca o triunfo do prazer individual sobre o interesse do grupo social, mas também desculpabilização e descristianização da carne: as jovens, libertas do vínculo de parentesco secular com Eva, são em parte agentes de sua sexualidade.

À euforização do corpo juvenil na literatura das Luzes, o período romântico reage com a eufemização, ou seja, a inconsistência das moças, tanto que Jules Bertaut, autor do estudo *La jeune filie dans la littérature française [A menina-moça na literatura francesa]* (1910), chega a lhes celebrar a "existência um tanto apagada, mas com deliciosas tinturas de pastel desbotado" (p.70). Desde o século XVIII, o modelo educacional francês de obediência católica é equilibrado por um modelo anglo-saxão com raízes na cultura protestante: assim, Grimod de la Reynière, em *Réflexions philosophiques sur le plaisir [Reflexões filosóficas sobre o prazer]* observa em 1783: "Nos Estados protestantes ... as donzelas não só jamais ficam enclausuradas como também escapam com freqüência à vigilância dos pais, têm vida social com as amigas e, nesse círculo, admitem os jovens conhecidos" (apud Luppé, 1925, p.119). Todavia, será preciso esperar até a segunda metade do século para ver realmente recolocada a bem fundamentada questão da educação francesa das meninas (cf. Houbre, 2000). O preceito do *self government*, do livre-arbítrio, que cedo responsabiliza as *misses* inglesas e norte-americanas, estimulando-as a apreciar por si sós as situações, seduz muitos observadores franceses: tanto que, em 1856, Alfred Almbert (*Flânerie parisienne aux États-Unis [Divagação parisiense nos Estados Unidos]*) pensa que ele contribui para torná-las "invulneráveis": "Os preceitos recebidos desde o berço inculcam no espírito uma rigidez que se torna a salvaguarda e a proteção da vida inteira. A menina aprende que deve cuidar de si, que existem limites que ela não pode transpor; sabe que, se deixar de se guardar a si mesma um único momento, perderá o prestígio" (p.82). Mas as resistências continuam fortes, na medida em que o exercício do *self government* implica que a jovem adquira um saber referente às "coisas da vida", considerado incompatível com a famosa inocência das donzelas francesas. Outra divergência fundamental entre os dois modelos educacionais: na França, os sexos são cuidadosamente separados desde a puber-

dade a fim de evitar uma promiscuidade julgada chocante e perigosa. Aliás, esse princípio de separação dos sexos se reforçou a partir da Restauração: no século XVIII, as moças, quando não estavam no convento, podiam se encontrar com muita familiaridade com os rapazes (cf. Luppé, 1925, p. 118). Já os protestantes - particularmente os norte-americanos -, pelo contrário, optaram globalmente pelo sistema de co-educação dos sexos, tanto na vida cotidiana quanto nos estabelecimentos de ensino. Certos aspectos dessa co-educação não deixam de interessar os franceses: muitos levam em consideração os benefícios do contato precoce dos dois sexos e passam a se pronunciar por uma maior flexibilidade na codificação das relações que os regem.

Deseja-se particularmente que os jovens prometidos em matrimônio tenham a possibilidade de se conhecer de um modo que não seja apenas os encontros dirigidos pouco antes do noivado, daí uma apreciação relativamente compreensiva da prática do flerte.⁶ Pelo menos foi o caso durante a monarquia censitária e o Segundo Império, quando o jogo do flerte era conduzido pelas *misses* inglesas e a anglofilia continuava ainda muito forte nas elites francesas. Mas, a partir do início da III República, os olhares se deslocam para os Estados Unidos que, em plena fase de industrialização nos anos 1870-1890, ingressam no clube das grandes potências antes do fim do século. Desde então, o norte-americano suplanta o inglês quando se trata de discutir os modelos educacionais e a permissividade dos costumes.

Os escritores franceses da *Belle Epoque* compreenderam isso perfeitamente e fizeram do flerte e da norte-americana um tema da moda. Nos mais americanófilos, o flerte se legitima na medida em que, sendo uma "infantilidade inocente" (Almbert, 1856, p.85), permite às mocinhas empreender um escrupuloso

6 Ver por exemplo, Taine (1890 p.104) e Dash (1868, p.179). Para uma apresentação geral do flerte, vide Rosaz (1993, p.156).

estudo de caráter, o aprendizado do sentimento amoroso, verdadeiro prelúdio de um casamento harmonioso. Transposta para a sociedade francesa, essa atitude transforma-se em sinônimo de indocilidade da jovem, que estaria disposta a se opor às estratégias matrimoniais dos pais para se casar com o eleito de seu coração, por ela escolhido (cf. Huguenin, 1897, p.262).

Sobretudo a partir de meados da década de 1880, os romancistas passam a importar, com certa precaução, esse modelo de flerte à americana revisto e corrigido para o grande público francês. Põem em cena moças às vezes insolentes, que andam de bicicleta e, pequeno atrevimento adicional, lêem eventualmente Safo, muito em voga graças às obras de Alphonse Daudet e Jean Richepin em 1884.⁷ No capítulo amoroso, decidem que as donzelas rompem com a inocência romântica, alegram-se em medir o teor exato de seu conhecimento das "coisas da vida" e fazem com que elas tomem a iniciativa no jogo amoroso. Em 1894, Marcel Prévost escandaliza com *Demi-vierges* [Semivirgens], mocinhas liberadas e consumadas namoradeiras, num momento em que apenas se suscita o debate sobre um eventual aprendizado teórico da sexualidade pelas meninas.

Para os médicos, trata-se sobretudo de prevenir o perigo venéreo e, para certos espíritos femininos avançados, de reabilitar o corpo e a função sexual. Com raras exceções, as feministas não abordam o tema antes da Primeira Guerra Mundial: Nelly Roussel, tomando conhecimento de uma peça representada em 1904 (Paul Hyacinthe Loyson, *Le droit des vierges* [*O direito das virgens*]), fala no "monstruoso edifício de estupidez e imoralidade que chamamos de [diz ela] 'educação das meninas'. Uma moça ignorante é entregue como um brinquedo, como um

7 Clairouin (1897, p.39), peça em três atos representada pela primeira vez no Théâtre Mondain em 15 de janeiro de 1897. Sobre Safo, ver Dejean (1994, p.225ss.). Sobre a literatura e o antifeminismo da *Belle Époque*, ver Mauge, (1999, p.69-83 e 133-47).

objeto, a um homem que ela não ama! As moças de hoje sabem mais do que sabiam suas mães, é verdade. Mas não é a estas que elas o devem, e sim a uma curiosidade legítima, que cresceu com a consciência de seus direitos, com o sentimento de dignidade pessoal e com o desmoronamento de sua fé religiosa" (cf. Knibiehler, 1996, p.143). A radical Madeleine Pelletier (1978), que preconiza a virilização das moças, dedica algumas páginas de seu livro *l'education féministe des filies [A educação feminista das moças]* (1914) à questão da educação sexual; revelando-se muito desconfiada do amor, promove de bom grado a castidade total. Alguns homens têm igualmente o mérito de colocar o problema com franqueza, como Victor Margueritte, autor, em *Jeunes filies [Meninas]* (1908, p.33), de uma defesa romanesca em favor da iniciação das moças nos "mistérios da vida".

A idéia da educação sexual vai abrindo caminho pouco a pouco, mas só se impõe verdadeiramente a partir da década de 1930. A obra da Dra. Nelfrand (*Ce que toute jeune filie doit savoir à l'âge de la puberté. Educative sexuelle de l'adolescence [O que toda jovem deve saber na idade da puberdade. Educação sexual da adolescência]*, 1932) propõe-se sobretudo a prevenir as moças contra os perigos da contaminação sexual; mas defende a possibilidade de um amor prudente e lúcido e combate a idéia de que a ignorância seja sinônimo de pureza (pelo contrário, na sua opinião, é fonte de erros fatais). Não obstante, a idéia de que uma moça venha a ser verdadeiramente "livre" e possa dispor livremente de seu corpo permanece inconcebível como mostra, por exemplo, a cealeuma provocada, em 1922, pela publicação de *La Narbonne*, famoso romance de Victor Margueritte, no qual a heroína, traída pelo noivo na véspera do casamento, se oferece ao primeiro que encontra e se aventura no amor lésbico e na múltipla parceria sexual antes de *in fine* retomar o bom caminho.

Referências bibliográficas

- ALMBERT, A. *Flânerie parisienne aux États-Unis*. Paris: Librairie Théâtrale, 1856.
- BADÈRE, C. *Mês mémoires*. Paris: Alcan-Lévy, 1886-1887.
- BALZAC, H. De. La physiologie du mariage. In: _____. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, La Pléiade, 1980. t.11, p.955.
- BERTAUT, J. *La jeune fille dans la littérature française*. Paris: Michaud, 1910.
- CHIMKOVITCH, A. *Jocelyn et la chute d'un ange*: contribution à l'étude de la notion d'"ange" dans la littérature du XIX^e siècle. Tese de mestrado sob a direção de W. Smekens, Universidade de Grand, 1987.
- CLAIROUIN, A. *Le flirt*. Paris: Briquet, 1897.
- CONSTANT, R. *Un monde à l'usage des demoiselles*. Paris: Gallimard, 1987.
- DASH (Comtesse). *Comment on fait son chemin dans le monde*. Paris: Lévy, 1868.
- DEJEAN, J. *Sapho. Les fictions du désir: 1546-1937*. Paris: Hachette, 1994 (1989).
- DIDEROT, D. *Lettres à Sophie Volland*. Paris: Gallimard, 1930. t.3.
- DUVAL, H. *Conseils aux mères de famille*. Paris: Jouhanneau, 1840.
- FLEURET (Madame). *La guide des supérieures ou avis à une supérieure...* Paris: Mérigot, 1786.
- FOUQUET, C. *Lafemme et les médecins*. Paris: Hachette, 1983.
- HOUBRE, G. *La discipline de l'amour: l'éducation sentimentale des filles et des garçons à l'âge du romantisme*. Paris: Plon, 1997.
- _____. Demoiselles catholiques et *mises* protestantes: deux modes éducatifs antagonistes au XIX^e siècle. *Bulletin de la Société d'Histoire du Protestantisme Français*, t.146, p.49-68, 2000.
- HUGUENIN, R. *À l'américaine!* Paris: Lemerre, 1897.
- KNIBIEHLER, Y. Le discours médical et la jeune fille au temps des Lumières. *Adolescence*, t.1, n.2, p.371-88, automne 1983a.
- _____. Les oies blanches. In: _____. *De la pucelle à la minette*. Paris: Temps Actuels, 1983b. p.91-117.
- KNIBIEHLER, Y. L'éducation sexuelle des filles au XX^e siècle. *CLIO, histoire, femmes et sociétés*, n.4, 1996. (Le temps des jeunes filles).
- LACLOS, C. de. *De l'éducation des femmes*. Ed. Chantal Thomas. Grenoble: Jérôme Millon, 1991.
- LAQUEUR, T. *La fabrique du sexe: essai sur le corps et le genre en Occident*. Paris: Gallimard, 1992 (1990).

- LUPPÉ, A. de. *Lettres de Geneviève de Malboissière à Adélaïde Méliand*. Paris: Champion, 1924.
- . *Les jeunes filles à la fin du XVIII^e siècle*. Paris: Champion, 1925.
- MAUGUE, A. Littérature antiféministe: une rhétorique réactionnaire. In: *Un siècle d'antiféminisme*. Paris: Fayard, 1999.
- MARGUERITTE, V. *Jeunes filles*. Illustrations par Simont, supplément roman de *L'illustration*, 16 mai 1908.
- PELLETIER, M. *L'éducation féministe des fales et autres textes*. Paris: Lyros, 1978.
- RÉMUSAT, C. de. *Essai sur l'éducation des femmes*. Paris: Ladvoat, 1824.
- RICHARDOT, A. Lumières sur les jeunes filies. In: BRUIT, L. et al. (Dir.) *jeunes filies, jeunes corps, de l'Antiquité à nos jours*. Paris: Plon, 2001.
- ROSAZ, F. *Le flirt. Pratiques et représentations en France à la fin du XIX^e siècle et à Vaube du XX^e siècle*. Paris, 1993. Mestrado (História), sob a direção de Alain Corbin. Paris I-Sorbonne.
- STENDHAL. *Correspondance*. Paris: Gallimard, 1968. t.2.
- TAINE, H. *Notes sur l'Angleterre*. Paris: Hachette, 1890 (1872).